

**“APRENDER A LER
'PRA' ENSINAR MEUS
CAMARADAS”:
Reflexões sobre
literacia e educação na
pós-modernidade**

"LEARNING READING 'FOR'
TEACHING MY COMRADES":
Reflections on literacy and education
in postmodernity
Reflections on
literacy and education in
postmodernity

"APRENDER A LEER 'PRA' ENSINAR
MIS CAMARADAS": Reflexiones
sobre alfabetización y educación en
la posmodernidad

Marcos Cajaíba Mendonça^{1, 2}

RESUMO

Este artigo procura desenvolver a reflexão acerca da literacia na pós-modernidade a partir da experiência da educação a distância no Instituto Federal Baiano. Apresenta elementos epistemológicos que pretendem investigar os aspectos da literacia no processo de criação, elaboração e execução do curso Técnico em Secretaria Escolar do Programa PROFUNCIÓNÁRIO, bem como a análise das propostas de estratégias de utilização dos media pelos professores formadores e equipe pedagógica. Ressaltando a atuação da EAD em vinte e seis polos de apoio presencial no extenso território geográfico do estado da Bahia.

¹ Doutorando em Estudos da Comunicação Cultura e Sociedade – Programa de Doutorado em Excelência promovido pela Fundação da Ciência e Tecnologia portuguesa, Universidade do Minho. Mestre em Educação e Contemporaneidade (UNEB), Especialista em Filosofia Contemporânea (UESC), possui graduação em Filosofia (UCSAL). E-mail: professormarcoscajaiba@gmail.com.

² Endereço de contato com o autor (por correio): Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, DIRETORIA DE EAD IF BAIANO. Rua do Rouxinol, 115, Imbuí, CEP: 48970-000 - Salvador, BA – Brasil.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 2, Abril-Junho. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n2p570>

PALAVRAS-CHAVE: Literacia. Media. Pós-Modernidade. Educação a Distância.

ABSTRACT

This article seeks to develop a reflection on literacy in postmodernity from the experience of distance education at the Institute Federal of Bahia. It presents epistemological elements that intend to investigate the processes of creation, elaboration and execution of the PROFUNCIÓNÁRIO Program, as well as an analysis of the proposals of strategies of use of the means for teacher educators and pedagogical team. It is worth mentioning an EAD performance in twenty six poles of face-to-face support in the extensive geographical state of Bahia.

KEYWORDS: Literacy. Media. Postmodernity. Distance Education.

RESUMEN

En este artículo se trata de desarrollar una reflexión en la literacia en la posmodernidad de la experiencia de la educación a distancia en el Instituto Federal de Bahía. Presenta elementos epistemológicos, que investigará los procesos de creación, desarrollo y ejecución del actual programa PROFUNCIÓNÁRIO, así como un análisis de las propuestas para el uso de estrategias de media formadores de maestros y profesores.

PALABRAS CLAVE: Literacia. Medios de comunicación. Postmodernidad. Educación a distancia.

Recebido em: 16.08.2017. Aceito em: 12.12.2017. Publicado em: 01.04.2018.

1. Dando um *enter* na pós-modernidade

*A possibilidade de arriscar é que nos faz homens.
Vôo perfeito no espaço que criamos.
Ninguém decide sobre os passos que evitamos.
Certeza de que não somos pássaros e que voamos.
Tristeza de que não vamos,
por medo dos caminhos.
(Todo Risco - Damário da Cruz, 2004
poeta e jornalista brasileiro)*

Tomando as palavras de Damário da Cruz é que começam a ser traços os fios da rede desta reflexão. Este risco refere-se, especificamente, em assumir uma postura de que, segundo o filósofo Lyotard (2004), vive-se na Pós-Modernidade. Risco assumido, porque esta terminologia é alvo de críticas e de falta de consenso (e, portanto, já pós-moderna), entre os que se debruçam a pensar sobre os tempos contemporâneos. Esta opção é feita por se considerar a ideia do pensador em dizer que vive-se, a partir do período pós-industrial, a perda de força dos metarrelatos – discursos totalizadores, referenciais e pretensos modelos a serem seguidos - oriundos da modernidade os quais tentam imprimir padrões de uma cultura totalizante, legitimadora e universal sobretudo no ocidente.

O fato é que o projeto moderno já não corresponde mais aos seus propósitos de explicar, determinar, legitimar a realidade. A concepção de realidade “simples” como queria Newton, capaz de ser quantificada em laboratórios de pesquisa, confronta-se com outras que sugerem a “complexidade”. Também, entende-se que Pós-Modernidade não corresponde, necessariamente, ao aspecto cronológico, histórico, mas, sobretudo àquilo que diz respeito às emergências e condições culturais, filosóficas, epistemológicas que vem configurando a mudança do referido projeto moderno, que segundo Lyotard, objetivou a “realização da universalidade”. O pensador afirma em “A

Condição Pós-Moderna” que este projeto “não foi abandonado e esquecido, mas destruído, liquidado” (LYOTARD, 2004, p. 32). Ora, é o fim dos grandes relatos. Propõe a pensar sobre a condição do saber na Pós-Modernidade, de forma a investigar os lastros epistemológicos fundantes que afetaram as dimensões epistêmicas personificadas nos aspectos da política, da estética, da economia, etc., a começar nas primeiras décadas do século XX. E, enquanto discurso, os pequenos relatos são constituídos por linguagem e, neste sentido, o aspecto da comunicação é salutar de ser averiguado.

Para Lyotard (2004), este cenário é o das pequenas narrativas e dos resquícios inegáveis dos metarrelatos. Cenário que, dentre outros aspectos, traz à luz, pela fragmentação e efemeridade, elementos de evidência das singularidades, das contingências, em detrimento aos metarrelatos (universais e legitimadores). Reside aí, o fato de considerar a complexidade do sujeito pós-moderno como sendo um elemento muito difícil de ser explicado ou tomado pelos metarrelatos. Um sujeito que é passível a erros e fragmentação, sem ter a luz do “logos” ou o viés do “método” como elementos salvíficos a condizi-lo à perfeição.

Ao contrário, este sujeito é cheio de falhas, vazios e erros irreparáveis por sua própria condição e isto não se constitui como algo moralmente ruim ou ontologicamente defeituoso: constitui-se como humano, como indivíduo que vive a produzir formas de sobreviver e de se relacionar consigo, com a natureza e com os demais. Martins (2011) ao refletir sobre a complexidade deste ser indivíduo contemporâneo, aqui entendido pós-moderno, chama atenção quando afirma que *(...) nestas circunstâncias, sendo viscosa a trama do humano e inesperados os efeitos da acção individual e colectiva, as trajectórias individuais e os processos sociais tem sempre uma parte de sombra, enfim, uma parte de opacidade e engano (138).*

Ao recobrar os primórdios gregos de investigação ontológica, este sujeito (agora, tido como complexo e inacabado), também é um sujeito tecnológico. Que produz *tecnhé* e que pode se reconhecer no que foi produzido por este. Talvez, a modernidade tenha redimensionado esta capacidade e/ou dimensão humana para fora dele (dela) e transferido para os instrumentos, meios, dispositivos, aparatos ditos *tecnológicos*. Dessa forma, um dos dramas da pós-modernidade lyotardiana é dar-se conta que, além de assumir esta verdade que as sociedades ocidentais ainda vivem sobre as bases modernas dos metarrelatos, que o sujeito pós-moderno complexo e efêmero que vive na efervescência da fluidez das tecnologias. E, dentre esta tecnologias, as que dizem respeito às da informação e comunicação estão presentes na cotidiano constitutivo deste “drama pós-moderno”.

A concepção maniqueísta da construção desta sociedade atual (do real) talvez não seja tão necessariamente hegeliana (onde o real é racional e o racional é real) ou acontece de forma antagônica conforme queria o materialismo histórico de Marx, mas, pode, também, passar pelo fenômeno dos *media*, da construção mediada. Construções de gênero, de costumes, hábitos, padrões de comportamentos são oferecidos diariamente pelos portais informacionais, acessíveis em variados dispositivos. Este elemento pode ser um contributo para o fluxo de mudança de comportamentos, de formas de ver o mundo e o outro que, pode ser dar através não mais das janelas dos automóveis ou nas ruas numa caminhada matinal, mas através das telas de diversos formatos e tamanhos. Este fato é, no mínimo, intrigante, e tem sido pauta de discussões sobre o papel dos *media* na construção da sociedade: às vezes como vilões, outras, como heróis. Contudo, o que não se pode negar é que as transformações estão acontecendo cotidianamente e que, de alguma forma, pode-se fazer parte destas mudanças ou, no mínimo, acompanhá-las

em tempo real, buscando a veracidade dos conteúdos oferecidos. Esta sociedade é fascinante como fora aquela do tempo dos homens e mulheres das cavernas: os contextos mudam sempre, porque são culturais, porém, como dizia Ricardo Reis, “só nós somos sempre iguais a nós próprios”. E, portanto, as pessoas estão sempre a comunicar, a se informar, a construir ou desconstruir a sociedade.

O fluxo de informações acontece de forma dinâmica. Porém, nem todo o processo de informação produz, necessariamente, atribuição de sentido sobre o que se recebe ou transmite; ou seja, o fenômeno da comunicação nem sempre está a acontecer. Isso porque, segundo Martins (2011) a informação é basicamente a transferência de mensagem e dados entre quem emite e para quem esta é destinada, podendo até mesmo, ser o próprio emissor um dispositivo como também o receptor. Basta que haja a codificação e decodificação dos dados e aí estão transmitidos e “informados”. No que tange à comunicação, pressupõe-se que haja sujeitos relacionando-se no processo de interação, de forma que aspectos como a subjetividade, por exemplo, sejam fundamentais para tal. O *outro* importa neste processo, a alteridade é fundamental para que haja a comunicação, sendo que até os ruídos, acredita-se, sejam importantes porque se tem um valor, um sentido, um significado a ser considerado, constituindo-se uma trama de relações sociais. Desta forma, considerando o fluxo de transmissão de dados nesta atualidade, nem tudo é comunicação, quando pode ser, simplesmente, informações.

O que estas considerações importam? É importante primar pela comunicação em detrimento da informação (enquanto processo)? A resposta pode residir quando se pensa na intenção com a qual se opta por um destes dois. Se uma sociedade é feita de relações e, portanto de significados construídos e alimentados ou repensados e desconstruídos, a comunicação é

mister para ser levada à cabo. Caso se prime pela informação apenas, o sujeito pós-moderno também pode fazê-lo, uma vez que os dispositivos estão aí ao seu alcance de forma cada vez mais acessível e funcional. As consequências desta opção – o que não vem a ser objeto desta reflexão – estão por aí a serem detectadas a todo momento. Talvez, seja mais fácil e cômodo buscar informações sem querer se deparar com a alteridade prevista pela comunicação; talvez, seja mais interessante viver a relacionar-se com as máquinas e, quanto mais, com o universo virtual que elas podem oferecer, sendo que, se opta por esse contexto, a relação se dê e os sentidos sejam estabelecidos.

De qualquer forma, é que parece ter um cardápio variado para todos os tipos. E, de olho nas possíveis opções, a criação de dispositivos, ferramentas, instrumentos, teorias e afins, e portanto, d o s *media*, está se renovando a cada piscadela de olhos. Acredita-se que é um fato! Um fato constatado no cotidiano, o que não precisa ser tomado com algo de valor – bom ou ruim – mas, considerado apenas. Como em outras épocas outros elementos foram o alvo de criação, nestes tempos, os *media* em sua diversidade, por se configurar como literalmente meios para se informar e/ou comunicar tem agora um lugar de destaque nesta pós-modernidade.

Os *media*: alguns cliques e links

A sociedade pós-moderna, aqui defendida, é complexa. Muitos são os aspectos de sua constituição precisam ser considerados ao estudá-la, porém, quando se trata sobre a comunicação, os *media* podem ocupar um lugar de destaque. Isso se dá, porque, como para muitos pensadores e pensadoras, esta sociedade contemporânea, glocalizada e dinâmica se encontra num ritmo acelerado de troca de informações e, possivelmente, de conhecimentos que,

a perder de vista, é muito interessante. A mediação destas informações e conhecimentos passam, necessariamente por dispositivos – quer sejam digitais ou não – e que chegam a atingir indivíduos nos quatro cantos do mundo, muitas vezes em tempos reais. Uma forma de possibilitar a comunicação mediada pelas ferramentas, sobretudo por quem não está face-a-face. Estes meios, contudo, não são o mundo, a realidade, apenas representam e o fazem de forma significativa. Há que se considerar que, mesmo com esta possibilidade de chegar um número significativo de pessoas, ainda existem aqueles e aquelas que não conseguem ser atingidos por este fluxo de informações e podem estar à margem dos acontecimentos mundiais, o que já se constitui outro elemento importante para investigação. Contudo, informam-se, trocam-se dados, compartilham imagens, palavras, sons e notícias com uma “velocidade estonteante” que há décadas atrás.

Desde a criação da escrita como um signo objetivo característico de determinado agrupamento, percebe-se a necessidade de homens e mulheres de encurtar distâncias. Trocam-se mensagens e leva-se o mundo de lá para cá sem através das letras. Este fato é fascinante e, talvez, por isso, precisou-se deste invento. Uma vez que os desenhos rupestres não garantiam a objetividade da mensagem, vide à subjetividade de interpretações dos traços nas cavernas. Sem dúvidas, que as letras escritas não traduzem sentimentos, mas, os sinais de pontuação e afins ajudam a compreender e levar o outro para quem espera sem poder estar face-a-face.

Para Bauman,

Estar “longe” significa estar com problemas — o que exige esperteza, astúcia, manha ou coragem, o aprendizado de regras estranhas que se podem dispensar alhures e o seu domínio sob desafios arriscados que exige esperteza, astúcia, manha ou coragem, o aprendizado de regras estranhas que se podem dispensar alhures e o seu domínio sob desafios arriscados e cometendo erros que muitas vezes custam caro (BAUMAN, 1999 20)

Esta é uma verdade. "Longe" espacialmente, não é condição para estar em perigo, desde que haja domínio da realidade em que estou inserido. Longe, geograficamente, dos meus, não me deixa em situação de desamparo, desde que eu tenha "conhecimento" sobre o que eu desejo ou busco encontrar/dominar. Estar "perto", geograficamente dos meus, despido deste conhecimento/domínio, me deixa inseguro e, conseqüentemente, "longe". Os *media*, equanto instrumentos, não garante a proximidade ou não. O fator humano é quem pode decidir com uma certa autonomia sobre a relação espaço-tempo que se quer estabelecer.

Desde então, além de encurtar distâncias, outros dispositivos (e suportes) são criados diariamente para que, também, outra necessidade do ser humano seja suprida: a de guardar-se, de criar memória (literalmente). O sonho de eternizar o presente e ter acesso ao mesmo, soma-se com o encurtamento de distâncias através de ferramentas que fazem a mediação deste desejo. Além disto, a facilidade em poder ter acesso em qualquer tempo e lugar que disponha de "cobertura" para tal. Vive-se um certo sentimento de onipresença possibilitado pelos *media*. A ideia de portabilidade está na ordem do dia.

As questões que surgem a partir destas considerações são: o sujeito pós-moderno está educando-se para a compreensão dos *media*? Há uma preocupação com este elemento *pedagógico* na urgência dos acontecimentos das tecnologias da informação e comunicação? Se Galileu propunha que a linguagem do mundo era uma linguagem matemática, precisava-se aprender a lê-lo e, talvez esta pós-modernidade, este mundo esteja codificado por uma linguagem mediatizada ... É preciso aprender a decodificá-lo, então. Para isto, o conceito literacia surge como necessário neste processo de comunicação pós-moderna.

Literacia: considerações

O risco anunciado por Damário da Cruz, assumido em relação ao conceito de Pós- Modernidade, também se aplica ao de literacia. Estudiosos afirmam que este é um conceito relativamente novo, sobretudo por considerar o alargamento de sua dimensão de abrangência, deixando de ser apenas restrito ao desenvolvimento de competências e habilidades para a “leitura, a escrita e o cálculo, mas também as imagens, os sons, a informação e as redes e, mais amplamente, as formas de comunicação digital e interactiva menos centrada na compreensão do escrito e mais na semiótica para podermos entender este mundo” (CONSELHO NACIONAL DA UNESCO, apud, MOURA *et al*, 2015, 7). Levando-se em consideração o aspecto de que a aprendizagem cada vez mais está menos restrita a um tempo ou a circunstâncias espaciais que, até pouco tempo, vinham determinando as condições para tal.

Desenvolver tais competências e habilidades para *ler* e escrever/descrever esta realidade complexa, levando em consideração que, quem o fizer também possui, por natureza, a complexidade (como foi dito acima), reconfigura o conceito literacia. Soma-se a isto o fato de ser necessário obter capacidades de utilização dos instrumentos que mediam as informações nas redes. Os suportes de leitura transcendem, há certo tempo, os físicos e materiais, de forma que *o texto espalha-se pelos media, complementa-se de imagem, diversifica e mistura géneros e hipertextualiza-se. A leitura que daí advém é forçosamente acelerada e diversificada.* (BABO, 2008, 12). Assemelha-se à técnica da *bricolagem* presente na estética pós-moderna, onde é preciso estar atento aos “retalhos” coloridos e sem muita harmonia imagética ao constituir um todo. Estes retalhos (imagens, palavras,

cálculos, sons, etc.,) podem representar um desafio a quem se dispõe a desenvolver tais competências e habilidades, de forma que, ao utilizar o recurso de sua própria complexidade pode se reconhecer aí como um sujeito pós-moderno. Ao passo que, para quem não se dispuser a tal aventura, o processo de "alfabetização" poder ser demorado e sem muito sucesso. O fato é que o que está aí para ser lido não requer apenas saber decodificar apenas códigos ou cálculos, mas, uma abertura à complexidade das linguagens constitutivas da pós-modernidade e, porque não dizer, dos pequenos relatos (dialetos, cores, formas, imagens, etc.,)

Para Damásio (2008), *"a literacia não é um conceito estático mas sim algo mutável que se deve adaptar as circunstâncias de expressão individual e colectiva por via de um media"*. (DAMÁSIO, 41). Aqui, o termo *media* começa a fazer parte da definição e é neste sentido que a reflexão segue. Pensar no desenvolvimento destas capacidades enquanto literacia para os *media*: o termo "literacia mediática" é normalmente associado à educação para os *media*, enquanto conjunto de práticas destinadas a estimular a compreensão crítica das mensagens dos *media*" (DAMÁSIO, 2008, 44). Os *media* enquanto adjetivação da literacia, trazendo este conceito para, mais especificamente, pensar a relação do sujeito pós-moderno para com os mesmos.

Considera-se, então que a literacia é *o conjunto de conhecimentos, capacidades e competências (e os processos da respectiva aquisição) relativas ao acesso, uso esclarecido, pesquisa e análise crítica dos media, bem como as capacidades de expressão e de comunicação através desses mesmos media*. (PINTO, 2011).

Ser indivíduos literados é constituir-se como homens e mulheres portadores de competências que possibilitem compreender o seu entorno e

relacionar-se com o mesmo de forma que transcendam a simples decodificação e, no sentido da literacia mediática, a qual interessa neste momento, ser capazes de, além de obter conhecimentos e saberes, desenvolver atitudes para com os mecanismos constitutivos da sociedade. Arrisaca-se em dizer que, além de poder fazer esta leitura com atitude, é também poder auxiliar ao outro em tal tarefa, proporcionando o processo de comunicação. Neste aspecto, o exercício pedagógico e docente (enquanto professores e educadores formais) pode representar um diferencial para a propagação da literacia.

Aqui, a educação formal, que acontece em espaços específicos e com devidos fins organizacionais, neste cenário pós-moderno é um campo de observação interessante para se investigar o fenômeno da literacia. Ainda mais quando esta educação acontece em um país de dimensão continental como o Brasil, e, mais especificamente, no Estado da Bahia³, cujo território é expressivamente extenso. Soma-se a isto, o fato de que a modalidade educacional é aquela que acontece a distância (EAD), em um curso de nível Técnico oferecido pelo Instituto Federal Baiano. Este é um convite!

O Instituto Federal Baiano e a Educação a distância

O Instituto Federal Baiano é fruto da projeto audacioso de política nacional de educação brasileira. Nasceu integrante à Rede Federal de Educação, com a perspectiva de oferecer *educação profissional de qualidade, pública e gratuita; em todos os níveis e modalidades, preparando pessoas para o pleno exercício da cidadania; contribuindo para o desenvolvimento social e*

³ O Estado da Bahia ocupa área de 559.951 km², o quinto maior do Brasil, cuja população é de, aproximadamente, 12.645.982 habitantes, distribuídos em 415 municípios, com densidade populacional de 21,6 habitantes por km². (<http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista3-mat4.pdf>).

*econômico do país, através de ações de ensino, pesquisa e extensão*⁴. Possui 14 (quatorze) *campi* e 16 (dezesesseis) polos de apoio presencial nos municípios conveniados para atividades de educação na modalidade a distância. Com a criação dos polos de educação a distância (EAD), O IF Baiano totaliza 26 (vinte e seis) polos de apoio presenciais dispostos em 18 (dezoito) dos 27 (vinte e sete) territórios de identidade do estado da Bahia, atendendo uma considerável parcela da população baiana, de forma que as ações inicialmente ancoradas nos *campi* tiveram uma expressiva capacidade de estar presente em localidades que não tinham, até o momento, investimentos na área de educação.

Desde 2011, o IF Baiano vem oferecendo cursos técnicos na modalidade a distância. A sede da EAD do IF Baiano está na capital do Estado, cuja gestão é feita pela Diretoria de Educação a Distância que trabalha para promover tais ações. Esta, debruça a trabalhar para que os cursos sejam ofertados, as relações com os municípios e os *campi* se fortaleçam, promovendo, através de projetos de baixo custo, atrativos que visam valorizar, sobretudo, a cultura local dos envolvidos, encurtando distâncias e utilizando os mais distintos meios que estiverem a seu alcance. Dentre estes projetos, pode-se citar o *Simbora*⁵ (<https://www.youtube.com/watch?v=ep3kc1CDLrM>): nasceu com a intenção de mostrar as peculiaridades culturais das comunidades onde estão os polos do IF Baiano. A perspectiva é compreender que é possível fazer educação para além das salas de aula utilizando os meios acessíveis tanto para quem produz como para quem deles usufruem.

Em 2015, o IF Baiano passou a oferecer o Curso Técnico em Secretaria Escolar, o qual faz parte do projeto do governo federal – PROFUNCIÓNÁRIO, que *tem por objetivo promover, por meio da educação a distância, a formação*

⁵ “Simbora” é uma expressão utilizada na Bahia correspondente a “vamos embora?”, “vamos comigo?”

profissional técnica de funcionários que atuam nos sistemas de ensino da educação básica pública municipal e estadual (PPC, 2015, 5).

Ainda que o curso venha formatado, houve que se levar em priorizar, consideravelmente, alguns aspectos: a diversidade cultural dos cursistas e professores, o fato de que os cursistas, em sua maioria, estava há muito tempo sem contato com a educação formal, falta de habilidade para com os media (sobretudo o computador), a idade dos cursistas, a heterogeneidade geográfica dos polos. Para isto, foram feitas consultas aos coordenadores de polo e primou-se em estabelecer um processo de comunicação permanente com todos os envolvidos no planejamento, execução e acompanhamento das atividades. Além de garantir uma estrutura de funcionamento no polo para as atividades e aulas, outro fator imprescindível foi o modelo de gestão implantado. Assim, narra a Coordenadora do Curso, Amanda Espírito Santo⁶

A gestão do curso é efetivamente realizada por 6 profissionais, sendo a Coordenadora do curso, Supervisora Pedagógica, Designer Educacional e Coordenadoras de Tutoria. No desenvolvimento de cada função, há contatos diferenciados com o curso, então buscamos sempre levar em conta todos os pontos de vista para a tomada de decisões. Nenhuma mudança ou decisão que impacte no andamento do curso é tomada de forma unilateral. São realizadas reuniões constantes de modo a discutir e estabelecer que caminhos deverão ser seguidos para o curso (2016)

Outro passo foi garantir o processo metodológico das aulas. Optou-se por oferecer um curso em que as aulas fossem contínuas, porém, com encontros presenciais (acompanhadas por um professor tutor presencial) e encontros virtuais (que acontecem no ambiente virtual de aprendizagem – AVA. O AVA (<http://moodle2.ifbaiano.edu.br/moodle/>))

⁶ Amanda Espírito Santo Nogueira é Mestre em Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação, Coordenadora do curso Técnico em Secretaria Escolar do IF Baiano. Relatos da entrevista em dezembro de 2016.

utilizado foi customizado por um desenvolvedor e é, diariamente, alimentado pela designer educacional. Lá, além das atividades inerentes aos componentes curriculares, é um espaço de informação, interação e construção por todos os envolvidos na EAD do IF Baiano. Aparelhos *smartphones*, com suas multifuncionalidades e as redes sociais são comumente evocados para o acesso ao AVA e às redes de forma que, sobretudo os cursistas, podem interagir e propor mudanças, sugestões e avaliação em todo o processo de aprendizagem, independentemente do polo do qual faça parte.

Propostas e estratégias de literacia no Profunçãoário do IF Baiano: desenvolver competencias e habilidades para o processo de comunicação através da utilização dos *medias*.

Continuando com o risco de Damário da Cruz e ao compor a equipe de gestão da EAD do IF Baiano, este pesquisador participou da análise e seleção dos primeiros professores e professoras formadoras para os componentes curriculares do referido curso. Mais que levar em conta a sua formação acadêmica e profissional, foi considerada a responsabilidade social para com os projetos educacionais que já atuaram, bem como, a familiaridade com os media. De distintas cidades, muitos longe da sede da Reitoria do IF Baiano, os professores e professoras trabalharam de forma colaborativa para a construção das propostas dos componentes curriculares, acompanhando a construção do AVA, bem como todo o processo de desenvolvimento dos encontros, até a finalização dos referidos componentes. Três deles responderam um questionário para auxiliar na escrita deste relatório de pesquisa⁷. O questionário pautou-se em alguns temas:

a) **concepção sobre os media:** um dos critérios utilizados para a seleção dos mesmos, tendo em vista o caráter da modalidade do curso. *Pensar nesses media foi, para mim, muito mais cauteloso, principalmente pelos tais serem a extensão da minha fala/presença/corpo (McLuhan) para os cursistas, disse HD, sendo que no centro do planejamento estão as relações que se estabelecem entre o público em formação - os media selecionados - e as condições de acesso (NM) o fluxo de informações geradas a todo instante por AM. O cuidado em considerar os media como, literalmente, meios, está presente na concepção da tríade e isso foi relevante para que o processo de construção do conhecimento para os cursistas fosse feito de forma, no mínimo, convidativa.*

b) **elementos primordiais para se pensar no planejamento, mediante a efervescência das informações:** partindo do *entendimento conceitual do tema*, a professora AM começou a elaborar sua proposta de atuação. Um elemento importante considerado por HD acabou por determinar a condução do seu processo de comunicação: *como possuía uma carga muito densa de teoria e de abstração, optei por ser mais lúdico, no sentido de arquitetar atividades leves, mas que reverberassem o conhecimento almejado para os estudantes.* Já a professora NM partiu da análise do público em formação, bem como das *condições de mediação tecnológica que o curso dispunha para este público para associar o conjunto curricular proposto ao coletivo midiático de que me dispunha enquanto professora formadora.* A preocupação estava para além de uma transmissão de conteúdos e conhecimentos, mas de favorecer o processo de comunicação, onde os cursistas pudessem ter meios de exercer a literacia com prazer e facilidade, em detrimento das condições em que se encontravam. Utilizando-se dos recursos possíveis, preocupando-se com quem está enquanto receptor, frente a

vastidão da magia envolvente dos meios de comunicação midiáticos, as quais precisam ser filtrados e escolhidos adequadamente para cada situação formativa (NM).

c) **análise (crítica) dos conteúdos:** tais conteúdos (os programáticos já estabelecidos nos cadernos pedagógicos norteadores, bem como os que estavam quando sugeridos para o aprofundamento em outros meios – vídeos, filmes, textos, imagens), passaram por um acompanhamento da equipe uma vez já selecionados pelos professores. Contudo, mantida a autonomia dos docentes, poucos ajustes e sugestões foram feitos, tendo em vista o caráter profissional e de pesquisador de cada um deles.

Cada conteúdo elencado foi tomado como um tema gerador de discussões e reflexões outras, sempre de forma interligada, de modo que os cursistas pudessem perceber que para além de conteúdos, elementos cotidianos de reflexão que aconteciam em seus contextos de atuação que significavam os conteúdos propostos.(NM).

Respeitou-se as particularidades dos conteúdos de cada componente para que se mantivesse a identidade norteadora do conhecimento para os cursistas.

Parti do princípio básico que é o CONCEITO. Na disciplina Filosofia é preciso se apropriar dos conceitos para poder formular os pensamentos e gerar opiniões. Sendo assim, todas as informações que cercam o mundo atual foram requisitadas, discutidas, debatidas após a definição conceitual de cada tema proposto.(AM)

d) **comunicar em distintos contextos:** a diversidade de sotaques, cores, dialetos, configurações culturais, paisagens da Bahia é grande. Tecer uma proposta que conduzissem os cursistas a fazerem o exercício de uma literacia para construção do conhecimento foi uma tarefa que os professores, sintetizaram desta forma: Para HD, a interatividade como *tarefa "obrigatória" postar alguma observação no Moodle e comentar de outro colega, preferencialmente, que não fosse do mesmo pólo de estudos.*

Parece que funcionou, de certa forma, como pude perceber ao acompanhar as discussões assíncronas.(HD). A experiência em contextos variados de atuação foi basilar para NM, acrescentando que possibilitou aos cursistas uma diversidade de situações que pudesse sensibilizar o máximo de realidades possíveis.(NM). Ou, quando utilizamos uma linguagem precisa, objetiva e simples, essa se faz de fácil entendimento em qualquer local e contexto, foi a via utilizada por AM.

e) capacidade dos cursistas em usar os media e ambientes digitais:

talvez resida aqui um dos maiores entraves iniciais deste processo de literacia. O fato de nem todos os estudantes terem acesso aos media (sobretudo o computador e internet), embora sua função empregatícia o exija, soma-se às disparidades de idades e uma certa resistência aos mesmos. Estas considerações foram elencadas pela Supervisora Pedagógica, Marilda Caldeira, ao relatar aspectos de dificuldades deste curso. Há cursistas que não possuem computadores, por exemplo, em suas residências, e que utilizá-los no trabalho não é permitido a não ser para realizar tarefas do mesmo. Mesmo com o poder aquisitivo crescente, nem todos puderam adquirir ou optaram por outros. Contudo, para a Profa.

NM,

Esse foi o grande desafio, pois lidamos não só com uma distância física, mas com uma distância cultural da realidade do público em formação. Entretanto, mensurar a capacidade é algo impossível e até restritivo. A crença é de que todos podem desenvolver competências para usar os media e os ambientes virtuais e nós, como formadores, temos que intermediar esse processo tornando-o possível e coerente com as condições de cada contexto maximizando e nunca minimizando as potencialidades dos cursistas.

É um processo de "alfabetização", de implicação e de assumir postura para desvendar a linguagem codificada por aí. Este processo, como está a ver, não conclui com o fato de uma simples decodificação de signos, mas de mudança de atitudes em relação às linguagens que estão, nesta pós-modernidade descrevendo o mundo, as relações, os sentimentos, as pessoas. Saliência HD: *algumas coisas ficaram pelo caminho (...) o que nos leva a pensar sobre a importância da inclusão digital de todos, bem como a necessidade de todos estarem imersos na cultura digital e na cibercultura.* Contudo, para a outra docente, esta falta de capacidade dos cursistas não foi observada. Neste caso, por uma ordem cronológica, o componente curricular de AM aconteceu depois do que fora conduzido por HD: avanços foram já notados e o processo de aprendizagem e, portanto, de literacia, já havia sido modificado

f) o fator "**distância**" neste processo: apostou-se neste projeto, correu-se o risco de elaborar uma proposta de comunicação que possibilitasse o acontecer da educação. Ao conhecer a extensão territorial onde se encontram os polos (todos foram visitados por mim) a imaginação de como poderia acontecer este curso e suas atividades foi maior do que as reais condições de realização. O relato dos professores, sobre o aspecto *distancia*, fala por si. A observar:

Distância? O que é isso? Confesso que não me senti distante, em nenhum momento, dos cursistas: houve muitas mensagens pelo Moodle, e-mail e alguns até "descobriram" meu perfil em outras redes sociais e me adicionaram. Acho que, para esses, o conceito de media foi extrapolado e realmente compreendido: os media como meio de potencializar a comunicação (mesmo sendo redundante...risos) (HD)

O fator distância, na verdade, acabou sendo um condicionante positivo, pois nos impulsiona a analisar e utilizar melhor as possibilidades de intermediação de saberes, potencializando e significando os media, uma vez que o contexto presencial há uma

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n2p570>

supervalorização da fala e da escrita, enquanto que a distância imprime a necessidade de pensarmos muito além desses elementos fazendo valer a ideia de complexidade, de rede, de rizoma tão necessários em Educação. Os media tiram a centralidade do eu-formador para se ater nas possibilidades de intermediações formadoras (NM) – grifo nosso.

O fator distância me colocou exatamente distante do processo. Senti-me como um projetista de uma obra mas que não acompanha a construção. (AM).

g) estratégias metodológicas de utilização dos media: Interação entre os próprios cursistas, postagens, fazer observações nas postagens de outros colegas, atividades interativas, lúdicas e de construção colaborativa, ambientação conceitual a partir de media diferenciados no decurso das unidades (coletâneas de textos lançadas no ambiente virtual de aprendizagem e disponibilização dos links para que pudessem acessar por meio da internet em seus computadores; Fóruns Interativos; análises de imagens, vídeos; Painel virtual comentado; Mapa conceitual; produção de linha do tempo, Simulados Vivenciais, todas essas estratégias foram formatadas para um tipo de media possível nos contextos dos cursistas (computador, vídeo-televisão, consulta em revistas, jornais, livros, módulo). O importante foi pensar em estratégias que não ficassem presas a uma única possibilidade de media; os fóruns de discussões foram essenciais e requisitados estrategicamente para promover essa rede de discussões sem, necessariamente, se requisitar do indivíduo a presença física. Sendo assim, foi estratégico a utilização dos mesmos nesse processo.

h) medias (dispositivos, instrumentos, ferramentas, etc.) utilizados neste processo: a criatividade dos professore, traço fundamental deste projeto, lançou mão de meios distintos e acessíveis aos cursistas, possibilitando o convite à leitura dos conteúdos e de si. Desde papel,

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n2p570>

caneta, pincéis, o AVA, smartphones, rádio, aplicativo de conversação instantânea (WhatsApp), uso de hashtags nas diversas redes sociais digitais, através de narrativas fotográficas dos cursistas, computador com acesso a internet, televisão, os livros, revistas, boletins, facebook, jornais, o vídeos, data-show, aparelho de som, construção do sanel do saber (um biombo de madeira onde foram feitas colagens sobre os quatro aspectos do conceito devir – um elemento tecnológico tradicionalisem plena era de avançados meios. Sem perder a interação e, obviamente, sem deixar de ser tecnológicos. porque a tecnologia não está nos media, mas ao utilizá-los).

i) Experiência enquanto promotor(a) do processo de comunicação ao utilizar os media:

Registra-se as considerações dos professores.

Penso ser de extrema importância que os instrumentos se configurem molas propulsoras para as aprendizagens dos estudantes, seja em qualquer nível de ensino. Talvez nosso maior desafio, como professores, é angariar mecanismos que agreguem os media e aos conteúdos científicos dos componentes curriculares. (HD)

Creio muito nas múltiplas possibilidades formativas em virtude de sermos seres com uma vasta diversidade de formas e tempos de/para aprendizagem (...) Cada um dos meios de comunicação, na educação a distância, ganha uma significação contextualizada e reflexiva que conduz a quem participa do processo a (re)conhecer as ilimitadas possibilidades de ir além do que supunha que poderia ir. (NM)

Considera-se que o curso está em andamento e que a construção das propostas é feita a todo instante que se faz necessário. A preocupação está centrada nos cursistas que estão do outro lado dos ecrãs e em tempos e espaços distintos, porém, em rede. Eles e elas são sujeitos pós-modernos, alvo deste processo de educação sonhada e executada por pessoas que entendem que a educação está para além dos conteúdos. E, conforme visto, os media tem

uma importância fundamental para que isto aconteça. A educação dinâmica e singular não pode estar à mercê de técnicas e métodos, mas de pessoas que se preocupam com a alteridade e com dias melhores para quem está se propondo a aprender. E quem garante que os que estão “lá” são os que mais aprendem?

O contato com os aparatos tecnológicos e a necessidade de despertar a curiosidade pela criatividade para conhecer. Para buscar formas de melhores condições de vida e de autonomia para se fazer leituras (literacias) mais contundentes neste mundo de efemeridades e distâncias encurtadas. Como salienta a Coordenadora Amanda Espírito Santo:

A experiência de realizar esse curso é bastante interessante e uma atividade complexa. Como trabalhamos a distância e há sempre muito trabalho a realizar, precisamos ter sempre em vista que temos tantas vidas esperando pelo nosso trabalho e decisões. O trabalho que desenvolvemos é vivenciado pelos cursistas e precisamos sempre levar em conta que os instrumentos tecnológicos devem servir para mediar, para aproximar e não tornar frias as relações.

Sigamos, arriscando sempre!

4. Considerações finais:

A comunicação na sociedade pós-moderna é um desafio sedutor. Sim. Pode-se optar em viver na incerteza e no vazio dos espaços que na certeza anunciada pela modernidade. Pode-se, também, fazer o seu contrário. Os media estão aí para nos auxiliar. Disponíveis em cada canto da cidade ou de qualquer lugarejo. De valor aquisito alto ou de forma falsificada made in China. Mas, aí estão. As informações são constantes e contínuas. Pode-se informar sobre o que se quiser e como quiser, na hora em que bem entender. Já comunicar-se

não é tão fácil assim: precisa-se do outro, da alteridade, de fazer/pensar/agir com sentido. E comunicar-se pelos media pode ser uma proposta de construção de sentido e de ação social. Estando nas salas lusitanas ou brasileiras, sob a sombra de um carvalho do alentejo ou de um mandacaru da caatinga brasileira na Bahia.

Ao escolher onde e como se comunicar é necessário que se considerem os contextos, as particularidades, as regionalidades de onde se está. Contextos estes que, pelas ondas da pós-modernidade, não estão isolados ou livres de interesses sociais, políticos, econômicos. Não há neutralidade. Não há inocência neste processo de comunicação: há intenções. Intenções que variam pelos interesses de quem as norteiam, podendo naturalizar horrores e tornar excepcionais fatos corriqueiros. Basta, talvez, estar na mídia. E como falar em mídia sem considerar os seus media, os seus meios, dispositivos, suportes, ferramentas. Às vezes tão assustadores, outras, tão fascinantes e convidativos ao consumo e à aquisição.

Contudo, acredita-se que de vilão ou de herói, os media nada tem. Possui, sim, quem deles fazem uso. Uso para o poder, uso para transformação, uso para manipulação, para libertação. Porque, ainda não há autonomia conferida a eles; há quem os liga/desliga, quem os dispara, quem os colore ou deles se desfaz.

E estes são os sujeitos, os indivíduos. Pessoas que consomem ou quem pensam para consumi-los. Que cria ou recriam ou, simplesmente, ignora-os! E que, de qualquer forma, está em consonância com os demais: numa sociedade. Uma sociedade aqui caracterizada como pós-moderna que abriga a desenfreada saga de ganância pelo poder e, ao mesmo tempo, confere aos utilizadores dos media, a possibilidade de escolher um caminho a seguir. Possibilidade não tão clara ou evidente, mas, há que se considerar

que, em muitas sociedades, a democracia ainda insiste em deixar que se escolha as sendas. Também, outras em que isto é impossível. Impossível assumir condições sociais, sexuais, políticas, enfim, mas de qualquer forma, parece que tudo (ou muito de quase tudo) está sendo mostrado, exibido, compartilhado, postado... os media estão aí. E os sujeitos?

Quer sejam estes escoteiros europeus ou professores do interior do Brasil que ainda insistem no fenômeno da educação como uma proposta de transformação da sociedade pelo indivíduo. Que, vê, através do exercício docente, o papel dos media para uma sociedade da comunicação e não somente da informação. Aqui, estão os circunscritos no universo da EAD do IF Baiano, conforme foi descrito acima: uma proposta de comunicação do no mundo pós-moderno através da educação. profissionais engajados, falta de recursos, o fator da criatividade, as distâncias geográficas dirimidas e tidas como um aspecto positivo; os desafios e as perspectivas para o comunicar numa sociedade pós-moderna. Que estão enfrentando o desafio de perceber a necessidade de aprender a ler (e a ler-se) nos ecrãs variados do cotidiano.

E esta literacia? Sabe-se que é dinâmica. Que não é concensual. Que está sendo construída, mesmo porque, o que se tem pra ser lido é tão mutável e efêmero. Contudo, é um exercício de educação para a cidadania, para a autonomia, para o se reconhecer neste mundo. Poder saber usar os media e afins, tentando analisar e compreender o que está aí posto neles em contextos distintos, espaciais ou não. O desafio da travessia, conforme sinalizava LEMOS (2011) e não da passagem. Do que está no processo e não no final dele. Na busca de sentido para a vida e para si num cotidiano de velocidade acelerada. E, nesta busca, acredita-se que as tecnologias, em suas mais variadas formas, podem, sim, ajudar. Mas, elas, em si, não são suficientes. É necessário uma

decisão pessoal para a comunicação. E, sem o outro, não há comunicação. Sem o outro, não há sociedade e, nesta perspectiva, sem o outro, não há sentido.

É preciso aprender a ler. A ser literado. Mas, mais ainda: é preciso “aprender a ler 'pra' ensinar meus camaradas”.

Referências

BABO, Maria Augusta., Literacia para a cidadania. Revista Comunicação e Sociedade, vol 14, Novos Territórios da Literacia. Braga: Humus, 2008.

BAUMAN, Z., Globalização: as consequências humanas / Zygmunt Bauman; tradução Marcus Penchel. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999

DAMÁSIO, Manuel J. C. de A., Contributos para o aprofundamento do conceito de literacia: 33 utilização de tecnologia digital em contextos de ensino. Revista Comunicação e Sociedade, vol 14, Novos Territórios da Literacia. Braga: Humus, 2008.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna.** Tradução: Ricardo Corrêa Barbosa; posfácio: Silvano Santiago - 8ª edição – Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

LYOTARD. **O pós-moderno explicado às crianças.** Correspondência 1982-1985. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

MARTINS, M. L., Crise no castelo da cultura. Das estrelas para os ecrãs. Grácio Editor: Coimbra, 2011.

MOURA, P., PEREIRA, S., PINTO, M., Níveis de Literacia Mediática: Estudo Exploratório com Jovens do 12o ano. CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade Universidade do Minho Braga – Portugal: 20015.

PINTO., M. Educação para os Media em Portugal: experiências, actores e contextos. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade Universidade do Minho Rolo & Filhos II, S.A. – Indústrias Gráficas, 2011.

Projeto Pedagógico de Curso – PPC - Técnico em SECRETARIA ESCOLAR. PROGRAMA PROFUNCIÓNÁRIO. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO, 2015.

Referencial de Educação para os Media para a Educação Pré-escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário. Sara Pereira, Manuel Pinto, Eduardo Jorge Madureira, Projeto “Público na Escola” Teresa Pombo, Direção-Geral da Educação Madalena Guedes, Direção-Geral da Educação Ministério da Educação e Ciência, 2014. Disponível em: <http://diretorias.ifbaiano.edu.br/portal/ead/>